

**NAS BATIDAS DO FUNK: SEXUALIDADE, PEDAGOGIAS CULTURAIS E A
CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES INFANTIS NA CONTEMPORANEIDADE**

**EN LOS RITMOS DEL FUNK: SEXUALIDAD, PEDAGOGÍAS CULTURALES Y LA
CONSTRUCCIÓN DE SUBJETIVIDADES INFANTILES EN LA
CONTEMPORANEIDAD**

**IN THE BEATS OF FUNK: SEXUALITY, CULTURAL PEDAGOGIES, AND THE
CONSTRUCTION OF CHILDREN'S SUBJECTIVITIES IN CONTEMPORARY TIMES**



Priscila Alves COSTA¹
e-mail: priscila.a.costa@unesp.br



Andreza Marques de Castro LEÃO²
e-mail: andreza.leao@unesp.br



Luci Regina MUZZETI³
e-mail: luci.muzzeti@unesp.br

Como referenciar este artigo:

Costa, P. A., Leão, A. M. C., & Muzzeti, L. R. (2026). Nas batidas do funk: sexualidade, pedagogias culturais e a construção de subjetividades infantis na contemporaneidade. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, 30, e026090. <https://doi.org/10.22633/rpge.v30i00.21409>



| Submetido em: 21/03/2026
| Revisões requeridas em: 18/05/2026
| Aprovado em: 30/06/2026
| Publicado em: 12/08/2026

Editor: Prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Estadual Paulista (Unesp), Araraquara – São Paulo (SP) – Brasil. Aluna do Programa de Pós-graduação em Educação Sexual e Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras.

² Universidade Estadual Paulista (Unesp), Araraquara – São Paulo (SP) – Brasil. Docente do Departamento de Psicologia da Educação e dos Programas de Pós-graduação em Educação Sexual e Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras.

³ Universidade Estadual Paulista (Unesp), Araraquara – São Paulo (SP) – Brasil. Docente do Departamento de Educação e dos Programas de Pós-graduação em Educação Sexual e Educação Escolar.

RESUMO: A infância, compreendida como constructo social e cultural em transformação, tem sido significativamente impactada pelas mídias contemporâneas e tecnologias digitais, que ocupam lugar central na formação da subjetividade infantil. Este trabalho analisou como a música, especialmente o *funk*, enquanto artefato cultural midiático, pode contribuir para a erotização precoce e a reprodução de discursos sobre gênero e sexualidade na infância. Trata-se de pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, cujo *corpus* foi composto por letras de músicas do gênero *funk*, selecionadas por sua relevância temática. Fundamentado na Análise de Conteúdo, o estudo identificou as categorias erotização precoce, violência de gênero e identidade cultural, interpretadas à luz dos Estudos Culturais em Educação e da Educação Sexual Crítica. Os resultados evidenciam que discursos musicais podem contribuir para naturalizar desigualdades, violências simbólicas e processos de erotização precoce. Destaca-se, portanto, a relevância da educação sexual crítica na escola para promover reflexões sobre as influências midiáticas na construção da subjetividade infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Criança. Sexualidade. Mídia. Música.

RESUMEN: La infancia, comprendida como un constructo social y cultural en transformación, se ha visto significativamente afectada por los medios de comunicación contemporáneos y las tecnologías digitales, que desempeñan un papel central en la formación de las subjetividades infantiles. Este estudio analizó cómo la música, especialmente el *funk*, como artefacto cultural mediático, puede contribuir a la erotización precoz y a la reproducción de discursos sobre género y sexualidad durante la infancia. Se trata de una investigación cualitativa, bibliográfica y documental, cuyo corpus estuvo compuesto por letras de canciones del género *funk*, seleccionadas por su relevancia temática. Fundamentado en el Análisis de Contenido, el estudio identificó las categorías de erotización precoz, violencia de género e identidad cultural, interpretadas a la luz de los Estudios Culturales en Educación y la Educación Sexual Crítica. Los resultados evidencian que los discursos musicales pueden contribuir a naturalizar desigualdades, violencias simbólicas y procesos de erotización precoz. Por lo tanto, se destaca la relevancia de la educación sexual crítica en la escuela para promover la reflexión sobre las influencias mediáticas en la construcción de las subjetividades infantiles.

PALABRAS CLAVE: Infancia. Niño. Sexualidad. Medios. Música.

ABSTRACT: Childhood, understood as a changing social and cultural construct, has been significantly affected by contemporary media and digital technologies, which play a central role in shaping children's subjectivities. This study analyzed how music, particularly *funk*, as a media cultural artifact, may contribute to the premature sexualization of children and the reproduction of discourses on gender and sexuality during childhood. This qualitative study employed bibliographic and documentary research, with a corpus consisting of *funk* song lyrics selected for their thematic relevance. Grounded in Content Analysis, the study identified the categories of premature sexualization, gender-based violence, and cultural identity, which were interpreted in light of Cultural Studies in Education and Critical Sexuality Education. The findings indicate that musical discourses may contribute to the normalization of inequalities, symbolic violence, and processes of premature sexualization. Therefore, the study highlights the relevance of critical sexuality education in schools as a means of fostering reflection on media influences on the construction of children's subjectivities.

KEYWORDS: Childhood. Child. Sexuality. Media. Music.

INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias emergentes e as transformações nas práticas sociais contemporâneas delinearão um novo panorama e uma perspectiva distinta em relação à infância. Na contemporaneidade, a infância encontra-se marcada por ampla visibilidade social e intensa exposição a conteúdos midiáticos e artefatos culturais digitais. Como discorre Ariès (1981), a infância não é uma categoria fixa, mas uma construção social e histórica que sofre contínuas ressignificações conforme os contextos e discursos que a cercam.

Nesse cenário de rápidas reconfigurações sociais, marcado pela aceleração do tempo, consumo de imagens e hiperconectividade, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), assumem papel central também na experiência infantil. Se, por um lado, ampliam o acesso ao conhecimento, por outro, expõem precocemente crianças a discursos e representações midiáticas, que naturalizam práticas erotizadas e, muitas vezes, violentas. O foco deste trabalho não está em culpabilizar a tecnologia ou romantizar uma infância idealizada, mas em problematizar os discursos que, mediados pela mídia, interferem na construção das subjetividades infantis. É justamente nesse contexto que os Estudos Culturais constituem um referencial teórico fundamental para compreendermos as implicações desse processo.

A subjetividade, nessa perspectiva, é compreendida como uma construção discursiva, social e histórica. Hall (1997) e Silva (2002) sustentam que discursos midiáticos, culturais e educacionais produzem modos de ser e agir, constituindo as subjetividades infantis. Em meio a esta realidade, o corpo infantil tem sido frequentemente erotizado por meio dos artefatos culturais midiáticos, tais como músicas, teatro, vídeos, propagandas, redes sociais, filmes, programas televisivos, entre outros. Entre esses artefatos, a música destaca-se como elemento contemporâneo que espetaculariza a sexualidade e evidencia problemáticas como violência de gênero e pedofilização, conforme discute Jane Felipe (2006).

A presente pesquisa se justifica ao reconhecer que a educação sexual informal ocorre em múltiplos espaços sociais, especialmente nas mídias digitais, que influenciam a construção da subjetividade infantil. Nessa conjuntura, os Estudos Culturais em Educação possibilitam compreender os artefatos midiáticos como pedagogias culturais, uma vez que atuam na produção de processos de autoaprendizagem e na constituição de modos de conduta. Conquanto a educação sexual se manifeste na família, na mídia digital e em produtos culturais, é na escola que deve se consolidar como prática intencional, crítica e emancipatória, promovendo leituras problematizadoras sobre sexualidade, gênero e poder.

INFÂNCIA, SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E SUBJETIVIDADE

Diversas formas de vivenciar a infância foram construídas social e culturalmente ao longo da história humana. Larrosa e Veiga-Neto (2009) problematizam a noção linear e evolutiva da infância ao afirmar que a criança não pode ser compreendida como pertencente a um tempo cronológico ou progressivo, mas como presença, acontecimento e experiência que escapam às categorias tradicionais de desenvolvimento. A partir dessa concepção, compreende-se que a infância não é universal ou fixa, mas uma construção histórica e discursiva. Ariès (1981) demonstra que a ideia de criança e o próprio conceito de infância são produções sociais que se transformam ao longo do tempo.

Antigamente, entre os séculos XII e XVII, a infância ainda não se configurava uma categorial social reconhecida. As crianças eram inseridas precocemente no universo adulto, em contextos marcados por pouca diferenciação etária e limitada proteção social, inclusive frente a práticas de natureza sexual. Posteriormente, a criança passou a ser concebida como um sujeito em processo de desenvolvimento, digna de cuidado, afeto e proteção, além de progressivamente reconhecida como portadora de direitos, em configurações que se transformaram ao longo do tempo (Ariès, 1981). Essas diferentes concepções corroboram a análise de Beck (2012), segundo a qual os processos de construção e desconstrução da infância estão intrinsecamente vinculados aos contextos sociais em que são produzidas.

Sendo assim, torna-se fundamental refletir como a infância é concebida na contemporaneidade e de que modo os discursos sociais incidem na constituição das subjetividades infantis. Entre esses discursos, destaca-se a mídia, que assume papel central como mediadora cultural e instância pedagógica informal, presente de forma marcante no cotidiano infantil. Representações veiculadas pela televisão, internet, música, vídeos e redes sociais difundem discursos que influenciam modos de perceber o mundo, o outro e a si mesmas.

Felipe (2012) assevera que, embora o avanço das tecnologias amplie o acesso à informação, ao entretenimento e às formas de interação social, ele também suscita preocupações, especialmente quanto à inserção das crianças na rede. A autora explicita que, diante da produção e circulação de artefatos culturais digitais, torna-se fundamental problematizar as imagens, concepções de mundo, de corpo, de relações e de ética que estamos difundindo.

Sob esta ótica, o corpo infantil passa a ocupar lugar estratégico nas dinâmicas midiáticas e de consumo. Segundo Sampaio et al. (2022), a naturalização dessas práticas contribui para processos de adultização precoce e produção de estereótipos que impactam a identidade infantil.

Essa erotização ocorre por meio de diferentes artefatos culturais midiáticos, os quais promovem a aproximação do universo infantil a códigos simbólicos do mundo adulto. É nesse movimento que se insere o que Felipe (2006) denomina de pedofilização: um processo cultural e simbólico que transforma o corpo infantil em objeto de desejo e consumo, por meio de discursos, imagens e práticas amplamente difundidas pela mídia e pela indústria cultural.

Diante disso, evidencia-se uma contradição: ao mesmo tempo em que políticas públicas defendem a proteção da infância, a própria sociedade legitima a exposição de crianças a práticas e discursos erotizados. Essa ambivalência exige uma análise crítica sobre os impactos desses discursos na constituição da subjetividade infantil.

À luz dessas discussões, os Estudos Culturais, por meio das contribuições de Hall (1997), Louro (1997) e Silva (2002), oferecem importantes subsídios para compreender os processos de construção das identidades e subjetividades. Para Hall (1997), essas dimensões não são essências fixas, mas construções discursivas e culturais: posições que os sujeitos ocupam em relação a discursos socialmente e historicamente circulantes, moldadas pela linguagem, pelas imagens e pelas representações que nos interpõem cotidianamente.

Louro (1997) amplia essa perspectiva ao destacar que as identidades, incluindo as infantis, são produzidas por discursos que regulam e normatizam formas de ser, agir e relacionar-se. Complementando esse olhar, Silva (2002) defende que os discursos educacionais, culturais e midiáticos se configuram como campos de poder que produzem sujeitos e subjetividades, construídas sempre de maneira histórica e relacional. Assim, a criança não surge como sujeito acabado, mas é continuamente constituída pelas forças discursivas e culturais que a envolvem.

Portanto, frente à exposição constante do público infantil a discursos erotizados mediados pela mídia, torna-se urgente refletir sobre os efeitos dessas práticas na constituição das subjetividades infantis. Como Felipe e Guizzo (2003, p. 128) argumentam:

Os corpos vêm sendo instigados a uma crescente erotização, amplamente veiculada através da TV, do cinema, da música, em jornais, revistas, propagandas, outdoors, e, mais recentemente, com o uso da internet, tem sido possível vivenciar novas modalidades de exploração dos corpos e da sexualidade.

À vista do exposto, é possível compreender que a subjetividade infantil não é resultado de uma essência natural ou de um processo puramente biológico, mas uma construção histórica,

social e discursiva. As crianças, desde muito cedo, são interpeladas por narrativas midiáticas que ajudam a formar modos de perceber o mundo, o outro e a si mesmas. Como destacam Leão et al. (2014), os veículos midiáticos não apenas produzem e disseminam discursos sobre sexualidade, mas também atuam como instâncias que frequentemente erotizam precocemente as crianças, seja pela exposição imagética, seja pela naturalização de conteúdos que reforçam padrões adultos de corpo e comportamento. Esse cenário reforça a necessidade de compreender como os discursos midiáticos atravessam a infância e participam da produção de subjetividades marcadas pela lógica adultocêntrica, evidenciando a importância de políticas e práticas educativas que promovam a proteção das infâncias, o debate crítico e o respeito ao direito de ser criança.

MÍDIA, MÚSICA E SEXUALIDADE

Em contextos interpelados pela rápida transformação digital e pela expansão dos meios de comunicação, a mídia assume papel central na formação de subjetividades relacionadas à Infância e Sexualidade. Martín-Barbero (2001) compreende a mídia como espaço de mediação cultural que produz sentidos sociais e participa da construção identitária. Kellner (2001) frisa o papel pedagógico da mídia na produção de modos de ser, consumir e se comportar. Já Fischer (2002) problematiza os imperativos de beleza, juventude e erotização presentes na mídia, que transformam o corpo em objeto de desejo e consumo.

No cenário atual, observa-se um aumento expressivo no consumo midiático infantil, que tem se intensificado de forma marcante nos últimos anos. Dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.br, 2025), divulgada em 22 de outubro, indicam que 92% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos utilizam a internet, sendo que 28% iniciaram o acesso antes dos 6 anos de idade, quase o triplo do percentual registrado em 2016, quando esse índice era de apenas 10%. Esse avanço precoce no acesso digital, contudo, não pode ser analisado apenas sob a perspectiva da conectividade, mas também à luz dos riscos que atravessam essa inserção precoce no ambiente virtual.

Costa et al. (2025) ressaltam que tem se tornado recorrente a delegação do cuidado digital de crianças e adolescentes aos próprios dispositivos eletrônicos, criando entre os responsáveis uma sensação de segurança que, na prática, pode ser ilusória. Segundo os autores, a inserção pouco supervisionada no ambiente digital amplia a exposição a riscos como o *grooming*, caracterizado pelo aliciamento virtual de menores. Plataformas como YouTube,

TikTok e Instagram expõem crianças e adolescentes a conteúdos frequentemente inadequados à faixa etária. Essas redes sociais oferecem acesso livre a vídeos de danças sensuais e coreografias sexualizadas, muitas vezes realizados por influenciadores adultos e também por crianças, favorecendo a naturalização de discursos erotizados no cotidiano infantil. No TikTok, vídeos curtos e virais com coreografias e gestos sensuais favorecem a incorporação precoce de códigos do universo adulto pelas crianças, podendo contribuir para processos de erotização precoce (Felipe, 2006). No YouTube e no Instagram, conteúdos baseados em músicas populares, *performances* corporalizadas e tendências virais podem reforçar estereótipos de gênero e ideais de sensualidade e consumo, favorecendo a antecipação de códigos do universo adulto pelas crianças.

Dessa forma, as redes sociais operam como pedagogias culturais (Louro, 1997; Silva, 2002), produzindo valores, comportamentos e modos de ser relacionados ao corpo, à sexualidade e às relações sociais. Essa compreensão dialoga com o que propõe Silva (2002), ao afirmar que os Estudos Culturais em Educação permitem analisar criticamente a relação entre cultura, poder e subjetividade, destacando que as pedagogias culturais atuam na formação dos sujeitos por meio da circulação de práticas, imagens e discursos que orientam condutas e definem modos de existir. Para o autor, “a pedagogia cultural é a pedagogia que se exerce fora da escola, nas ruas, na televisão, no cinema, na publicidade, na moda, enfim, em todos os espaços sociais nos quais somos formados como sujeitos culturais” (Silva, 2002, p. 84).

As redes sociais não apenas oferecem entretenimento, mas também produzem discursos que moldam subjetividades sexuadas e normatizadas desde a infância, exigindo reflexão ética e educativa sobre os limites dessa exposição. Como salientam Costa et al. (2025, p. 6162):

Atualmente, nota-se que, é inquestionável a desenvoltura das redes sociais em captar a atenção dos jovens, sendo difícil resistir a praticidades e distrações oferecidas, a exposição perigosa da criança no meio social, pode afetar (de maneira muito provável): o desenvolvimento; percepção; personalidade; e sua formação como posterior adulto.

Ao reconhecer os impactos dessa exposição sobre o desenvolvimento infantil, torna-se imprescindível compreender que tais influências não operam de maneira neutra, mas constituem verdadeiros processos formativos. A mídia assume um papel pedagógico-cultural ao ‘ensinar’ modos de ser e agir, especialmente por meio da música. Compreendida como artefato cultural midiático, a música enquanto linguagem simbólica e discurso cultural, carrega

representações, valores e normas que são apropriadas, ressignificadas e reproduzidas pelos sujeitos, especialmente pelas crianças.

De acordo com Felipe e Guizzo (2003), a música funciona como uma pedagogia cultural ao veicular mensagens sobre sexualidade, corpo e gênero. Para as autoras essas mensagens não apenas refletem as concepções da sociedade, mas também contribuem ativamente para formar subjetividades. Louro (2000) argumenta que os produtos culturais não apenas representam a realidade, mas a constroem. Em outras palavras, as letras das músicas, os videocliques e as imagens veiculadas pela mídia configuram-se como práticas discursivas que atuam na produção de sentidos, subjetividades e modos de existência. Refletir sobre como a música é vivenciada pelas crianças na contemporaneidade implica analisar também sobre a apropriação e fruição musical, desenvolvendo um olhar crítico sobre as letras e discursos reproduzidos, especialmente aqueles relacionados à sexualidade.

Em relação à música, Subtil (2003) pontua que ela está amplamente presente no cotidiano infantil, sendo vivenciada em diferentes espaços sociais, como escolas, festas, igrejas e redes sociais, nos quais amigos, colegas e familiares atuam como mediadores culturais. Com o advento das tecnologias audiovisuais, consolidou-se uma nova relação entre crianças e aparatos eletrônicos, transformando as mídias em canais de circulação de informações que modificam percepções e olhares, inclusive sobre a sexualidade.

Ao analisar o gosto musical no contexto do consumo midiático, Subtil (2003) alude que a música midiática atende simultaneamente a demandas simbólicas e ao consumo, sendo marcada pela popularidade momentânea de artistas e melodias. Entre crianças de 9 a 12 anos, essas práticas não se limitam ao consumo superficial, mas influenciam a forma como percebem e interpretam o mundo, a sociedade e as relações humanas (Subtil, 2003).

Subtil (2007) ressalta também que, na sociedade midiática, não há delimitação de tipos de música para diferentes faixas etárias, havendo uma homogeneização do padrão do gosto musical. Observa-se, assim, uma elevada velocidade de circulação das músicas nas mídias, em grande medida, sem que haja autonomia estética ou análise crítica acerca do conteúdo das letras. Plataformas como TikTok, Instagram e YouTube desempenham papel decisivo na difusão desses materiais entre crianças e jovens. Essa visão reflete as preocupações de Adorno (2011) sobre a homogeneização e a padronização cultural na sociedade de massa ao afirmar que o gosto musical por canções de sucesso tende a refletir mais o reconhecimento social do que uma apreciação autêntica da obra. A partir desta lógica, a música se insere na lógica da indústria cultural, que promove a produção massificada e homogênea, alienando o público e

transformando a arte em produto comercial desvinculado de uma experiência autônoma de apreciação.

Na apreciação de Felipe e Guizo (2003), a música é um dos artefatos culturais que tem trazido de forma evidenciada a espetacularização da sexualidade, indicando modos de ser, atuar, de produzir conhecimentos e educar. Com efeito, a música denuncia, por meio de suas letras, a concepção de mundo de uma determinada cultura, em certo contexto histórico. Ela educa e indica modos de ser e sentir, construindo identidades, inclusive sexuais, a partir do discurso que ela traz.

A música *funk* é um dos gêneros musicais com grande repercussão midiática e que reproduz, em algumas letras, questões relacionadas à violência sexual, à violência de gênero e à pedofilização. Na realidade, não é incomum letras em que se evidencia, de maneira explícita, o machismo, o sexismo e a misoginia. Em seus estudos sobre o *funk*, Felipe (2006, p. 218) faz algumas pontuações relevantes sobre as músicas de tal gênero:

No caso do funk, as letras se caracterizam pela referência explícita a práticas sexuais, sem rodeios ou sutilezas, remetendo a um mero exercício sexual, onde os órgãos genitais são mencionados, atos sexuais em suas mais variadas formas são proclamados, acompanhadas de coreografias sensuais, que remetem à exibição dos corpos femininos. Trata-se de uma sexualidade explícita, sem pudores, nem rodeios.

Nos dias hodiernos, devido à acessibilidade às tecnologias, o público infantil está exposto a conteúdos que incitam a erotização precoce por meio de veículos midiáticos, resultando na antecipação de fases e interferindo no processo natural do desenvolvimento, do conhecimento corporal e da sexualidade. Nesse cenário, é fundamental compreender que a música, como artefato midiático potente, atua como prática discursiva que interpela os sujeitos e participa da constituição de suas subjetividades.

Como argumenta Hall (1997), os sujeitos são produzidos dentro de regimes de representação e linguagem, ou seja, não são pré-formados, mas posicionados por discursos que atribuem sentidos ao corpo, ao desejo, à sexualidade e ao lugar social. Louro (1997) reforça que a mídia e a música, em particular, atuam como dispositivos pedagógicos não escolares, ensinando sobre o que é ser menino ou menina, o que é desejável ou não, quem pode desejar e quem deve ser desejado. Esses discursos atravessam os corpos infantis e participam da constituição de subjetividades desde muito cedo, produzindo modos de ser, de sentir e de agir.

Dessa forma, a música não deve ser entendida apenas como entretenimento ou manifestação artística isolada, mas como um dispositivo cultural poderoso de construção de subjetividades infantis, cujos efeitos precisam ser analisados criticamente, sobretudo quando perpassam os campos da sexualidade, da erotização e das relações de gênero.

Santos (2021) abaliza que as obras artísticas, como filmes, músicas e pinturas, constituem discursos produzidos em determinado contexto histórico e cultural, refletindo valores e estruturas sociais, mas também podendo questionar, reformular ou romper com as estruturas vigentes. Tal compreensão aproxima-se dos fundamentos da educação sexual crítica, que entende a sexualidade como construção histórica, social e política, atravessada por relações de poder, gênero, classe e cultura. Assim, a música deixa de ser analisada apenas como entretenimento e passa a ser compreendida como artefato cultural formativo, capaz tanto de reproduzir discursos hegemônicos quanto de tensioná-los e ressignificá-los. Reconhecer esse movimento constitui passo fundamental para a formulação de práticas pedagógicas comprometidas com a emancipação, a equidade e a proteção integral da infância.

Diante da intensa participação das crianças nas mídias digitais, torna-se fundamental promover práticas de leitura crítica e reflexiva da mídia (Girardello et al., 2021). Sob a ótica da educação sexual formal, tal formação não se limita à transmissão de informações biológicas ou preventivas, mas implica problematizar os discursos que naturalizam desigualdades de gênero, objetificações corporais e erotizações precoces. Trata-se de promover processos educativos que possibilitem às crianças compreenderem como tais representações são socialmente construídas e quais interesses podem sustentar sua circulação.

A escola é espaço estratégico nas disputas contemporâneas pela produção de sentidos, valores e concepções de mundo, sendo atravessada por interesses políticos, ideológicos e culturais (Hage, 2011). A educação sexual, por sua vez, configura-se como prática pedagógica intencional que visa desnaturalizar discursos, ampliar repertórios culturais e fomentar a autonomia moral e intelectual dos estudantes. Tal necessidade torna-se ainda mais evidente diante das questões relativas à sexualidade, que refletem disputas contemporâneas intensificadas pelos discursos midiáticos e culturais.

Conforme afirmam Maia e Ribeiro (2011), a educação sexual realizada de forma não intencional (informal), manifesta-se por meio de diferentes discursos sociais, incluindo os midiáticos, que atuam na produção de sentidos sobre corpos, gênero e sexualidade. Nos Estudos Culturais em Educação, tais processos são compreendidos como pedagogias culturais, uma vez

que produzem aprendizagens, valores e modos de subjetivação para além dos espaços formais de ensino.

Músicas de grande alcance, como o gênero *funk*, podem, em determinadas produções, veicular representações erotizadas e desigualitárias de gênero (Maia & Ribeiro, 2011). Quando esse processo passa a ser assumido como objeto de ensino, fundamentado cientificamente e orientado por intencionalidade pedagógica, planejamento e definição de objetivos específicos, configura-se o que se denomina como educação sexual formal. Desenvolvida prioritariamente no contexto escolar, essa modalidade exige organização sistemática e abordagens cuidadosas, voltadas à construção de conhecimentos e reflexões críticas sobre a sexualidade.

Diante desse cenário, a educação sexual formal, orientada por uma perspectiva crítica, propõe-se a criar espaços de diálogo e problematização que articulem dimensões sociais, históricas, culturais e psicológicas da sexualidade. Ao promover análises contextualizadas dos produtos midiáticos, a escola possibilita que os estudantes questionem representações naturalizadas, compreendam as relações de poder nelas implicadas e desenvolvam posicionamentos mais conscientes, éticos e emancipatórios (Leão et al., 2014).

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de abordagem bibliográfica e documental, sustentada em uma perspectiva sócio-histórico-cultural e crítica. A dimensão bibliográfica envolveu a análise de referenciais sobre gênero, sexualidade, cultura e educação, com base em Connell (1995), Giroux (2001), Hall (1997), Louro (1997) e Segato (2018).

A dimensão documental considerou letras de músicas *funk* como documentos culturais (Cellard, 2008), permitindo compreender dinâmicas simbólicas, ideológicas e educativas. O *corpus* incluiu duas letras selecionadas por pertinência temática, popularidade e circulação midiática.

A análise foi realizada por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), em três etapas: pré-análise, para identificação de temas; exploração do material, com codificação que gerou as categorias erotização precoce, violência de gênero e identidade cultural; e interpretação, relacionando as categorias ao referencial teórico para inferir sobre representações de infância, gênero e sexualidade. Da análise, emergiram três categorias centrais:

Erotização Precoce: diz respeito à construção e naturalização da sexualidade precoce de crianças e adolescentes, que, segundo Louro (1997), ocorre quando a criança é inserida em

um campo de significações que associa seu corpo, gestos, roupas e comportamentos a códigos e símbolos da sexualidade adulta. Tais processos manifestam-se tanto por marcadores etários explícitos ('novinha', 'garota'), quanto pela ampla circulação de discursos sexualizados que banalizam e espetacularizam a sexualidade em contextos midiáticos e culturais.

Violência de Gênero: refere-se à manifestação simbólica e estrutural de dominação masculina, operando tanto no plano físico quanto no simbólico (Segato, 2018).

Identidade Cultural: De acordo com Hall (1997) e Connell (1995), a identidade cultural é uma construção discursiva e social, onde sujeitos se posicionam e afirmam pertencimentos, contribuindo também para a construção de identidades sociais e culturais.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Foram analisadas duas músicas do gênero *funk* por meio de uma abordagem qualitativa ancorada nos Estudos Culturais em Educação e na Educação Sexual Crítica, com foco na leitura crítica dos discursos que atuam como dispositivos pedagógicos informais na formação das subjetividades infantis. A análise considerou três categorias: erotização precoce, violência de gênero e identidade cultural para compreender como tais discursos contribuem para a naturalização da erotização precoce, das desigualdades e das violências simbólicas.

Quadro 1.

Título da música: "Socada Botada 2", cantada por MC MN, MC Cajá & DJ Robão

[Intro] Esse é o DJ Robão, tá lançando a nova moda [Verso 1: MC Cajá] Conheço cada cheiro e defino só de olhar Se gosta de dar de quatro ou se gosta de sentar Conheço cada cheiro e defino só de olhar Se gosta de dar de quatro ou se gosta de sentar De sentar, de sentar [Refrão: MC Cajá] Eu já comi loira, morena, mulata, a branca e a preta Sou colecionador de buceta (Socada) Sou colecionador de buceta (Com raiva, botada) Sou colecionador de buceta (Socada, com raiva) O Robão coleciona buceta (Botada, socada)	O Metralha coleciona buceta (Com raiva) [Verso 2: MC MN & MC Cajá] Vem, garota safadona, jogando a buceta na minha direção Vem, garota safadona, jogando a buceta na minha direção Tô galudo, galudão, vou te dar catucadão Tô galudo, galudão, vou te dar catucadão (Socada, com raiva) MC MN é galudão, ele vai te dar catucadão (Botada, socada) Tô galudo, galudão, vou te dar catucadão (Com raiva, botada) MC MN é galudão, ele vai te dar catucadão (Socada, com raiva)
--	---

Nota. Mc Min (2020).

Quadro 2.*Análise da música “Socada Botada 2”*

CATEGORIA	
Erotização Infantil	TRECHO DA MÚSICA: “vem, garota safadona, jogando a buceta na minha direção”.
	ANÁLISE CRÍTICA: Expressões como “garota” podem ser associadas ao universo adolescente ou mesmo infantil. A presença de crianças e adolescentes nesse circuito musical, como ouvintes, dançarinos ou <i>performers</i> em redes sociais, demonstra como o discurso adultocêntrico da sexualidade antecipa normas de gênero e desejo, reforçando o que Louro (1997) chama de regulação da sexualidade infantil por meio de práticas discursivas. Não se trata de uma erotização que parte da criança, mas sim da maneira como a linguagem, a mídia e os discursos sociais sexualizam seus corpos.
Violência de Gênero	TRECHO DA MÚSICA: “Eu já comi loira, morena, mulata, a branca e a preta / Sou colecionador de buceta”
	ANÁLISE CRÍTICA: Esses trechos evidenciam a objetificação e desumanização da mulher, reforçando relações de poder assimétricas e reproduzindo práticas misóginas, conforme analisa Segato (2018). Tal discurso contribui para a manutenção da violência simbólica e das desigualdades de gênero.
Identidade cultural	TRECHO DA MÚSICA: “Tô galudo, galudão, vou te dar catucadão.”
	ANÁLISE CRÍTICA: Nesse trecho, reafirma-se uma identidade marcada pela masculinidade hegemônica, que reproduz relações desiguais de dominação sexual e simbólica. O termo “galudão” funciona como um marcador hipermasculino que remete à virilidade extrema e à prontidão sexual, alinhando-se ao modelo hegemônico de masculinidade. Tal construção discursiva produz subjetividades baseadas em força, controle e dominação. Como aponta Hall (1997), as identidades se constituem em sistemas culturais de significação e poder que legitimam determinados modos de ser em detrimento de outros.

Nota. Elaborado pelas autoras.

Quadro 3.*Título da música: “Open the Checka”, cantada por Caio Alexandre Cruz (MC Lan)*

E aí, R7? Tipo All Net, ladrão Ensinando inglês, ladrão, ha Tamo desbravando o mundo, ladrão Vamo comer as europeia agora, as gringa R7, quem falou que nós era burro, ladrão? Hi, my name is Lan Vou dar game over no seu cu, novinha Versão brasileira, Herbert Richers [Refrão 1] Vamo ensinar língua pras pepeca analfabeta Vamo ensinar inglês pras buceta analfabeta Open the Tcheka, vai! Open the Tcheka, ain! Open the Tcheka, vai! Open the Tcheka! Vamo ensinar inglês pras buceta analfabeta Vamo ensinar inglês pras pepeca analfabeta, vai! Open the Tcheka, vai! Open the Tcheka, vai! Open the Tcheka, ain, ain, ain [Pós-Refrão] I love you too cool Então senta no piru	Cê não tá entendendo o que eu tô falando? [Verso] One, two, three, sentando Versão brasileira, Herbert Richers [Refrão 1] Vamo ensinar língua pras pepeca analfabeta Vamo ensinar inglês pras buceta analfabeta Open the Tcheka, vai! Open the Tcheka, ain! Open the Tcheka, vai! Open the Tcheka! Four, six, seven, sentando Seven, eight, nine Eu não sei falar o resto Ahn, fudeu! Ai! One, two, three, sentando Four, six, seven, sentando E o resto você procura lá com o mano Como é o nome? Wizard? [Ponte] Já que é pra falar Inglês Vamo ensinar pras vagabunda Vem de big bunda
--	--

I love you too cool Então senta no piru Ai, ai, ai You might also like 5 Minutos de Merda MC Lan bad idea right? Olivia Rodrigo Used To Be Young Miley Cyrus [Interlúdio] Excuse me! Excuse me! Excuse me, novinha! Faz tchaca tchaca com os mano, novinha! Ai, a-ai! Faz tchaca tch... Ei! Excuse me	Vem de big, big bunda Vem de big bunda Vem de big, big bunda Vem de big bunda Vem de big, big bunda Vem de big bunda Vem de big, big bunda Vem, vem, vem de bundation Vem, vem, vem de bundation Vem, vem, vem de bundation Vem, vem, vem de bundation Vai tomar piroca Vai, vai tomar pirocation Vai tomar piroca Vai, vai tomar pirocation
--	--

Nota. MC Lan (2017).

Quadro 4.

Análise da música “Open the Checka”

CATEGORIA	
Erotização Infantil	TRECHO DA MÚSICA: “Vou dar game over no seu cu, novinha” / “Excuse me, novinha! Faz tchaca tchaca com os mano, novinha!”
	ANÁLISE CRÍTICA: O uso do termo “novinha” associado a um discurso sexual explícito pode indicar a hipersexualização precoce e a naturalização da exploração sexual de jovens, reforçando o olhar adulto e controlador sobre corpos.
Violência de Gênero	TRECHO DA MÚSICA: “Vamo ensinar língua pras pepeca analfabeta / Vamo ensinar inglês pras buceta analfabeta” / “Vamo ensinar pras vagabunda”
	ANÁLISE CRÍTICA: Esse trecho apresenta linguagem vulgar e depreciativa que reduz a mulher a objeto sexual e intelectual, perpetuando a desumanização e misoginia. Tal discurso reforça o sistema de violência simbólica, sustentando desigualdades e práticas discriminatórias.
Identidade cultural	TRECHO DA MÚSICA: “Tamo desbravando o mundo, ladrão / Quem falou que nós era burro, ladrão?”
	ANÁLISE CRÍTICA: Construção identitária em que o <i>funk</i> se apresenta como ferramenta de contestação da marginalização social, marcada pelo orgulho de pertencimento e superação, conforme Hall (1997) e Connell (1995). Ao mesmo tempo, esse mesmo discurso, reforça padrões hegemônicos e misóginos ao colocar que enquanto os homens não são burros, as mulheres são bucetas analfabetas.

Nota. Elaborado pelas autoras.

A análise das duas músicas selecionadas revela que, embora cada composição apresente singularidades estilísticas e contextuais, os enunciados presentes nas letras compartilham padrões discursivos recorrentes. Tais discursos revelam a reprodução de significados relacionados à erotização precoce, à objetificação feminina e à construção de masculinidades periféricas marcadas pela virilidade, pelo domínio e pelo poder.

No que tange à erotização precoce, as músicas analisadas associam meninas e adolescentes a códigos da sexualidade adulta, sobretudo por meio do uso recorrente de termos como ‘novinha’ e ‘garota’. Esse padrão discursivo, antecipa a sexualidade infantil ao vincular o corpo da criança a representações erotizadas (Louro, 1997). Tal dinâmica expressa o processo de ‘pedofilização’, descrito por Felipe (2006), frequentemente mascarado de normalidade ou desejo. Nesse contexto, a erotização precoce passa a ensinar às crianças modelos adultocêntricos e heteronormativos de corpo, sexualidade e desejo.

Em relação à violência de gênero, as letras evidenciam a objetificação das mulheres, reduzidas a corpos disponíveis ao consumo sexual e a práticas marcadas por agressividade e desrespeito. A presença de termos pejorativos e imperativos violentos naturaliza a dominação masculina. Como alega Segato (2018), essa violência simbólica apresenta um caráter pedagógico perverso, pois educa afetos e desejos segundo a lógica da dominação, desumanizando as mulheres.

A categoria de identidade cultural também atravessa as duas canções, especialmente na construção das masculinidades periféricas. A figura do ‘malandro’, do homem dominador e sexualmente ativo, é uma constante nas músicas analisadas, configurando um padrão de identidade masculina fortemente influenciado pela lógica da masculinidade hegemônica, conforme discutem Connell (1995) e Hall (1997). Essas identidades são forjadas em contextos de exclusão e resistência, mas, paradoxalmente, acabam reproduzindo valores patriarcais e misóginos, como forma de afirmação de poder e pertencimento.

De forma geral, as duas músicas avigoram representações que contribuem para a naturalização da erotização precoce, da violência de gênero e da desigualdade nas relações sociais entre homens e mulheres. Mais do que simples entretenimento, essas composições funcionam como pedagogias culturais (Giroux, 2001; Louro, 1997; Silva, 2002), moldando subjetividades e ensinando modos de ser e de se relacionar com o mundo. A escuta repetida e não-mediada desses discursos pelas crianças e adolescentes contribui para a internalização de valores que colocam em risco o desenvolvimento saudável e a construção de relações igualitárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, fundamentado nos referenciais teóricos dos Estudos Culturais em Educação e da Educação Sexual Crítica, permitiu compreender que as letras de *funk* analisadas

funcionam como artefatos culturais midiáticos que produzem e veiculam discursos significativos sobre sexualidade, gênero e violência simbólica. Ao circularem amplamente entre o público infantil, tais composições não apenas refletem práticas sociais naturalizadas, mas também contribuem para sua reprodução, consolidando normas, valores e representações que regulam corpos, comportamentos e subjetividades. As músicas analisadas articulam simultaneamente processos de erotização precoce, violência de gênero e produção identitária, constituindo-se como potentes pedagogias culturais que incidem sobre a infância.

Nessa conjuntura, a sexualização de corpos infantis e femininos tende a reforçar perspectivas adultocêntricas e heteronormativas, legitimando discursos que associam o feminino à submissão e à disponibilidade sexual. Paralelamente, o *funk*, enquanto expressão cultural periférica, opera como território ambivalente: afirma pertencimentos e modos próprios de existir, mas também reproduz estereótipos que vinculam masculinidades à virilidade e ao controle sobre o corpo feminino, produzindo sentidos que oscilam entre resistência e manutenção das hierarquias sociais.

Diante disso, compreende-se que os artefatos musicais analisados extrapolam a condição de mero entretenimento, atuando como dispositivos pedagógicos que produzem sentidos acerca da sexualidade, das masculinidades, das feminilidades e das relações de poder desde a infância. Reconhecer a complexidade desses processos torna-se fundamental para o desenvolvimento de práticas educativas que considerem criticamente os produtos culturais consumidos pelas crianças e pelos adolescentes, sem deslegitimar o *funk* enquanto expressão cultural, mas problematizando os discursos e efeitos que determinadas produções podem veicular.

À luz destas considerações, a escola pode assumir papel relevante ao promover espaços sistemáticos de educação sexual crítica, capazes de tensionar discursos naturalizados e ampliar possibilidades de reflexão sobre gênero, sexualidade e direitos humanos. Diferentemente das pedagogias culturais que atuam de forma difusa e não intencional por meio da mídia, a educação sexual crítica e planejada apresenta potencial para favorecer o desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia e da consciência social de crianças e adolescentes.

Por fim, destaca-se que a promoção da educação sexual crítica no contexto escolar constitui um compromisso ético, político e pedagógico voltado à formação de sujeitos mais conscientes de seus direitos e das desigualdades que atravessam a vida social. Para tanto, faz-se necessário que as instituições educacionais promovam espaços dialógicos, críticos e inclusivos, superando silenciamentos históricos em torno da sexualidade. Além disso, torna-se

indispensável o fortalecimento de políticas públicas, investimentos institucionais e processos formativos que ofereçam aos educadores subsídios teóricos e metodológicos para a construção de práticas pedagógicas responsáveis, críticas e sensíveis às complexidades da sexualidade na contemporaneidade.

Ademais, é importante reconhecer as limitações deste estudo. Trata-se de uma pesquisa de caráter teórico e documental, desenvolvida a partir de um recorte específico de músicas do gênero funk, o que impossibilita generalizações acerca da totalidade desse movimento cultural e de suas múltiplas manifestações. Ainda que o trabalho problematize conteúdos relacionados à erotização precoce e à violência simbólica, não se pretende reduzir o *funk* a tais aspectos, considerando sua relevância histórica, social e cultural enquanto expressão periférica e espaço de resistência.

Desta forma, a delimitação do *corpus* analisado constitui um limite metodológico da investigação, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de novas pesquisas que ampliem o universo de análise, contemplem distintas vertentes do gênero musical e aprofundem as discussões acerca das relações entre mídia, infância, gênero e sexualidade.

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W. (2011). *Introdução à sociologia da música: Doze preleções teóricas* (F. R. M. Barros, Trad.). Editora Unesp.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (D. Flaksman, Trad.). Zahar.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (L. S. Repa, Trad.). Edições 70.
- Beck, D. Q. (2012). *Com que roupa eu vou? Embelezamento e consumo na composição dos uniformes escolares infantis* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digital UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/61954>
- Cellard, A. (2008). A análise documental. In J. Poupart, J.-P. Deslauriers, L.-H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & Á. Pires (Orgs.), *A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos* (A. C. Nasser, Trad.; pp. 295–316). Vozes.
- Cetic.br. (2025). *TIC Kids Online Brasil*. <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/>
- Connell, R. W. (1995). *Masculinities*. Polity Press.
- Costa, H. V. A., Nascimento, L. I. M., Leão, T. D. A., & Leite, M. A. R. (2025). Erotização infantil nas mídias sociais: As consequências sociais e jurídicas. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 11(5), 6160–6177. <https://doi.org/10.51891/rease.v11i5.19458>
- Felipe, J. (2006). Afinal, quem é mesmo pedófilo? *Cadernos Pagu*, (26), 201–223. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100009>
- Felipe, J. (2012). “Vinde a mim as criancinhas”: Pedofilização e a construção de gênero nas mídias contemporâneas. In L. Pelúcio, L. A. F. Souza, B. R. Magalhaes, & T. T. Sabatine (Orgs.), *Olhares plurais para o cotidiano: Gênero, sexualidade e mídia* (pp. 90–98). Cultura Acadêmica.
- Felipe, J., & Guizzo, B. S. (2003). Erotização dos corpos infantis na sociedade do consumo. *Pro-Posições*, 14(3), 119–130.
- Fischer, R. M. B. (2002). Educação, corpo e mídia: Tensões e deslocamentos. In G. L. Louro (Org.), *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade* (7ª ed.; pp. 145–166). Autêntica.
- Girardello, G., Fantin, M., & Pereira, R. S. (2021). Crianças e mídias: Três polêmicas e desafios contemporâneos. *Cadernos CEDES*, 41(113), 33–43. <https://doi.org/10.1590/CC231532>
- Giroux, H. A. (2001). *Os professores como intelectuais: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem* (D. Bueno, Trad.). Artmed.
- Hage, S. M. (2011). Educação, escola e políticas educacionais na perspectiva dos estudos culturais críticos: A produção do senso comum e as disputas pela hegemonia. *Cadernos de Educação*, (38), 69–93. <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i38.1543>

- Hall, S. (1997). *A identidade cultural na pós-modernidade* (T. T. Silva, Trad.). DP&A.
- Kellner, D. (2001). *A cultura da mídia: Estudos culturais: Identidade e política entre o moderno e o pós-moderno* (I. C. Benedetti, Trad.). EDUSC.
- Larrosa, J., & Veiga-Neto, A. (2009). Educação e governo. In M. C. Lopes & M. D. Hattge (Orgs.), *Inclusão escolar: Conjunto de práticas que governam* (pp. 207–218). Autêntica.
- Leão, A. M. C., Reis, F., & Muzzeti, L. R. (2014). Sexualidade e infância: Contribuições da educação sexual em face da erotização da criança em veículos midiáticos. *Contrapontos*, 14(3), 634–650. <https://doi.org/10.14210/contrapontos.v14n3.p634-650>
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Vozes.
- Louro, G. L. (2000). *Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer* (2ª ed.). Autêntica.
- Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2011). Educação sexual: Princípios para ação. *Doxa*, 15(1), 75–84.
- Martín-Barbero, J. (2001). *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia* (3ª ed.; R. Polito & S. Alcides, Trans.). UFRJ.
- Sampaio, E. O., Carvalho, M. A. T., Nascimento, V. G., & Ferreira, J. M. N. (2022). Influência das mídias sociais no processo de erotização infantil: Fator determinante para um processo precoce da adultização? *Revista Eletrônica da Estácio Recife*, 8(1), 1–12.
- Santos, A. (2021). A música ensina: Educação e multiculturalismo. *Revista Educação e Territorialidade*, 2(2), 391–408. <https://doi.org/10.30612/riet.v2i2.14565>
- Segato, R. L. (2018). *La guerra contra las mujeres*. Traficantes de Sueños.
- Silva, T. T. (2002). *Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. Autêntica.
- Subtil, M. J. D. (2003). *Apropriação e fruição da música midiática por crianças de quarta série do ensino fundamental* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional UFSC. <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/85807>
- Subtil, M. J. D. (2007). Mídias, músicas e escola: A articulação necessária. *Revista da ABEM*, (16), 75–82.

CRediT Author Statement

- ☐ **Reconhecimentos:** À Unesp pelo apoio institucional e ao CNPq.
 - ☐ **Financiamento:** Não se aplica.
 - ☐ **Conflitos de interesse:** Não se aplica.
 - ☐ **Aprovação ética:** O trabalho respeitou os aspectos éticos pertinentes à pesquisa.
 - ☐ **Disponibilidade de dados e material:** Não se aplica.
 - ☐ **Contribuições dos autores:** P. A. C. participou da concepção do estudo, do delineamento metodológico, da coleta, análise e interpretação dos dados, da redação do manuscrito e da revisão final do texto. A. M. C. L. participou da supervisão da pesquisa, da revisão teórica e metodológica, da revisão crítica do manuscrito e do aprimoramento da versão final. L. R. M. participou da revisão crítica e analítica do manuscrito e da aprovação da versão final para publicação.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

